

REAÇÕES DE CRIANÇAS E PROFESSORES DIANTE DA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO EM SALAS DE AULA: A VISÃO DOS ALUNOS¹

Alda Junqueira MARIN²
Maria Iolanda MONTEIRO³

RESUMO: O relato refere-se à parte dos dados obtidos no estudo "A visão dos alunos de 1.^a à 4.^a série do ensino fundamental sobre a escola e o trabalho educativo", realizado em 1997. Este estudo faz parte de um projeto que foi iniciado em 1996, "Desenvolvimento Profissional Docente e Transformações na Escola". A equipe deste projeto realizou, como parte do diagnóstico, uma investigação com 10% de alunos, para captar a representação sobre o dia-a-dia das escolas, sobre si próprios e seus professores. Nesta comunicação, estão analisados dados obtidos de três questões com crianças das séries iniciais: a avaliação das crianças para verificar se entendem tudo o que a professora fala, seguida da reação das professoras e dos alunos, quando não entendem. Após tabulação, verificamos baixo índice de entendimento apontado pelas crianças. Detectamos também que a maioria busca ajuda para conseguir entender bem como reconhecem atitudes de (re) ensino por parte do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Fundamental; Escola Pública; Séries Iniciais; Visão dos Alunos, Dificuldade de Entendimento em Sala de Aula.

O relato aqui apresentado é parte de um estudo realizado pela mesma equipe de um amplo projeto, iniciado em 1996, denominado "Desenvolvimento Profissional Docente e Transformações na Escola", financiado pela FAPESP / CNPq e ainda em andamento. Tal projeto, previsto para ter duração de quatro anos (1996-2000), tem como eixo fundamental a investigação de questões relacionadas aos processos de desenvolvimento profissional dos professores com a perspectiva da transformação das escolas públicas que sediam o projeto e dos processos educativos que aí se efetivam. O eixo metodológico fundamental é o da pesquisa-ação colaborativa, contando, ainda, com o auxílio de técnicas variadas para sua concretização. A equipe é formada por professores universitários, alunos bolsistas de cursos de graduação da UNESP, englobando, como parceiros de pesquisa, professores de duas escolas públicas de ensino fundamental, uma de 1.^a à 4.^a série e outra de 5.^a à 8.^a série, situadas em bairro periférico em Araraquara, SP. A escola de 1.^a à 4.^a série funciona em dois turnos (matutino e vespertino) e a de 5.^a a 8.^a série em três turnos diários (matutino, vespertino e noturno).

Essa equipe realizou, como parte do diagnóstico, um estudo com as crianças e os adolescentes das escolas, procurando identificar

representações dos alunos sobre o dia-a-dia nas escolas, sobre si próprios e seus professores. Nesta parte do estudo, aqui divulgada, tivemos a intenção de apresentar apenas parte dos dados com a visão dos alunos da escola de 1.^a à 4.^a série a respeito das reações que se esboçam diante da própria incompreensão, quanto ao que os professores falam em sala de aula.

Este texto apresenta, de modo sucinto, algumas razões da realização de entrevistas com as crianças e adolescentes das duas escolas no contexto geral do projeto. A seguir, apresenta o relato, abordando o tema enunciado com seus objetivos específicos, a metodologia e os resultados obtidos.

POR QUE INVESTIGAR A VISÃO DOS ALUNOS

O projeto mais amplo previa, nas fases exploratória e diagnóstica iniciais, gerar dados sobre a realidade das escolas de modo a se estabelecerem prioridades nas dificuldades a serem trabalhadas conjuntamente, buscando o desenvolvimento profissional dos professores e a transformação das escolas.

Evidentemente, o foco principal do projeto são os professores. No entanto, o fato de termos como objetivo a investigação conjunta de seu desenvolvimento profissional para o trabalho de

¹ Refere-se à parte dos dados obtidos no estudo "A visão dos alunos de 1.^a a 4.^a séries do ensino fundamental sobre a escola e o trabalho educativo" coordenado por MARIN, GIOVANNI e GUARNIERI (1997).

² Professora aposentada da FCL / Campus Araraquara / UNESP - 14800-901, e coordenadora do referido projeto. Bolsista do CNPq.

³ Aluna do Mestrado em Educação Escolar da FCL / Campus de Araraquara / UNESP e bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq.

ensinar, tornou-se fundamental a obtenção de informações junto aos alunos, parceiros do processo educativo composto pelas aulas e demais atividades educativas. Assim sendo, no conjunto dos estudos, tornou-se necessário saber a visão dos alunos sobre o dia-a-dia vivenciado nas escolas, seja pelas informações em si importantes para o conhecimento da realidade escolar, seja pelo uso a ser feito no conjunto do projeto.

Essa idéia ganha mais sentido, quando se focaliza um princípio pedagógico fundamental, porque se acredita que a realidade da turma de alunos seja sempre um elemento de informação para a atuação da escola, e que o conhecimento dessa realidade passe pelo conhecimento do saber, do pensar e do sentir desses alunos. Além disso, (Rio Carvalho, 1992, p. 197) em outras circunstâncias, mas com preocupação semelhante, alerta que tal conhecimento é requisito fundamental para que a atuação sobre a realidade, introduzindo inovações, ocorra com um mínimo de erros.

Tal conhecimento é tanto mais importante se considerarmos esse processo de transformação como o concebemos, neste projeto, isto é, que tal processo se torne possível por meio da estratégia de construção de projeto pedagógico. Concordamos com Figari (1992, p. 231) quando, ao abordar a situação européia de modificações nas escolas, aponta a importância de estudos mediadores para a coleta e análises avaliativas sobre a escola, incluindo os alunos, no sentido de que todos os atores devem ser envolvidos. Trata-se, neste relato, então, de "dar voz" aos alunos da escola de 1.^a à 4.^a série, em algumas questões relativas à compreensão em sala de aula.

A nossa vivência inicial, nas escolas na fase exploratória, acrescida de dados de pesquisas sobre a realidade escolar (Marin & Biasoli, 1991), permitiu-nos destacar o papel constante das exposições didáticas feitas pelos professores nas explicações, nas tarefas, nas orientações sobre os exercícios. Em outras palavras, ficou evidenciada a importância de detectar a visão das crianças sobre as "falas" dos professores e decorrências dessa compreensão ou incompreensão. No contexto da transformação da escola - para melhor - e do desenvolvimento dos professores, esse é um ponto estratégico. Este é o objetivo específico aqui analisado.

Tínhamos, então, algumas perguntas: qual será a reação dos alunos, diante da compreensão ou incompreensão sobre o que os professores falam? Como eles percebem as reações de seus professores, diante das condutas esboçadas por eles?

Essas questões nortearam a investigação do tema aqui apresentado.

O DELINEAMENTO DA INVESTIGAÇÃO JUNTO AOS ALUNOS

Como o objetivo central do projeto mais amplo é a investigação com os professores sobre seu desenvolvimento profissional, foram definidas várias questões abordando os professores e o trabalho docente. No entanto, também é fundamental no projeto compreender as interrelações com inúmeros aspectos do ambiente escolar. Eis porque a entrevista é mais ampla do que os dados apresentados neste relato.

Como parte do diagnóstico, os objetivos deste estudo relativo às representações dos alunos sobre a escola, sobre si mesmos e profissionais atuantes na unidade escolar, foram alcançados por meio de entrevistas, com uso de um roteiro, contendo questões abertas. A amostra foi composta com 10% de alunos, tanto numa escola como na outra. Na escola de 1.^a à 4.^a havia cerca de 650 crianças freqüentando aulas. Nessa escola, a amostra de 10 % englobou um total de 65 crianças. Os alunos foram entrevistados individualmente na escola pelos bolsistas em duplas, alternando as funções de entrevistador e registrador.

Após a leitura das respostas, foram organizadas as categorias para a análise dos dados.

As informações colhidas nas entrevistas, sobre a temática aqui focalizada, foram analisadas, classificadas em categorias e, posteriormente, organizadas em três tabelas. A primeira tabela englobou categorias que organizaram a avaliação das crianças a respeito do seu entendimento sobre o que a professora fala. Nas outras tabelas, houve a preocupação de captar as decorrências, ou seja, as reações dos alunos e dos professores, quando os alunos não entendem. Tais tabelas permitiram gerar algumas figuras.

OS RESULTADOS

Os resultados estão apresentados sob a forma de figuras, as quais sintetizam os dados obtidos para cada uma das questões, ou seja, a questão principal e as decorrências da incompreensão das crianças quanto ao que os professores falam.

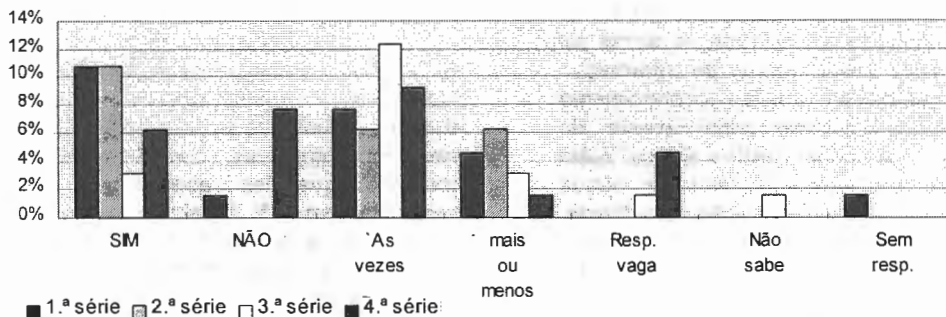
A pergunta central dessa temática foi - "Você entende tudo o que a professora fala?" - e as respostas nos levaram a compor sete categorias para verificar o grau de compreensão do aluno: sim, não, às vezes, mais ou menos, resposta vaga, não sabe, sem resposta.

É importante ressaltar que a categoria "Às vezes" contém respostas em que oscila a compreensão do aluno como, por exemplo: "*tem umas coisa que eu não entendo*". A categoria

“Mais ou menos” refere-se às respostas com variação na intensidade da compreensão. Um exemplo desse tipo de resposta é aquele em que o aluno diz: “*entendo um pouco*” ou “*... não dá para entender direitinho*”. Já a “Resposta vaga” contempla respostas em que o aluno não se

posiciona claramente com relação à pergunta (“*... a professora fica falando muito e passando muito exercício na lousa e aí eu paro de prestar atenção*”).

FIGURA 1 - GRAU DE COMPREENSÃO DOS ALUNOS



A Figura 1 nos permite visualizar a configuração. Pode-se dizer que apenas 20 das 65 crianças entrevistadas entendem, com segurança, o que a professora fala. 6 crianças não entendem e 37 apresentam dificuldade de entendimento (às vezes entende, ou entende mais ou menos). No conjunto das respostas, desprezamos duas, presentes nas categorias “Não sabe” e “Resposta vaga”. É interessante ressaltar que as séries do Ciclo Básico (1.ª e 2.ª séries) apresentam uma proporção maior de compreensão (7 crianças em cada série), quando comparadas às demais séries. E a 4.ª série possui maior dificuldade de compreensão (5 crianças).

A leitura dos resultados obtidos com a primeira pergunta permite perceber que em todas as séries há problemas de entendimento. Em maior ou menor grau, a compreensão pela classe como um todo fica comprometida, em relação ao que os professores falam.

Uma análise mais qualitativa das respostas espontâneas das crianças permite pistas de algumas razões da incompreensão. Dizem os alunos:

4.ª série

“não entendo quando é matéria nova”

3.ª série

“porque as crianças ficam bagunçando”

Ciclo Básico (1.ª e 2.ª série)

“quando ela fala muita coisa e aí não entendo”

“de vez em quando as crianças tão conversando e não dá para entender direitinho”

No decorrer da análise das respostas dos alunos a respeito do seu entendimento, foi possível detectar, ainda, que alguns alunos mostraram dificuldade de compreensão em certas áreas de ensino, como em Matemática, citando contas de divisão, problemas e fração. Houve, também, alguns que não especificaram a natureza da dificuldade, dando uma resposta mais genérica, mas sempre focalizando a Matemática, quando se tratava de componentes curriculares.

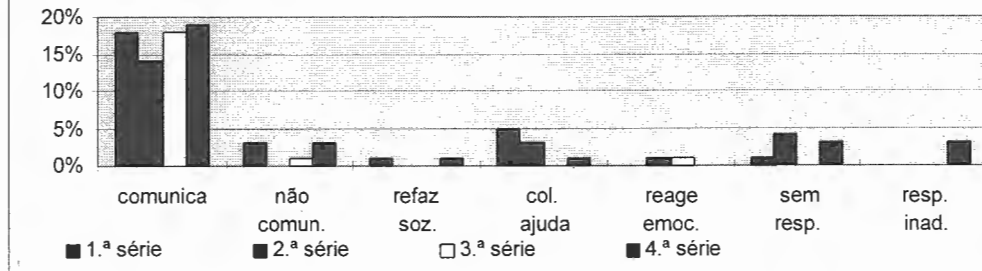
Decorrente da questão central, havia duas questões que detectavam a reação das crianças e de seus professores.

Uma dessas questões pedia a explicitação de reação: “O que você faz, quando não entende?” A partir da leitura das respostas foram organizadas categorias para verificar e encaixar as respostas contendo as reações e condutas dos alunos:

- **Comunica ao professor**
- **Refaz a atividade sozinho**
- **Busca ajuda com colega**, pedindo explicação ou olhando o caderno do outro
- **Reage emocionalmente**, chorando, ficando com raiva ou “emburrando” (ficando bravo no seu lugar sem falar com ninguém).

* Convém ressaltar que a apresentação com percentuais da abscissa y foi convertida, automaticamente, pelo programa que elaborou a figura. A rigor, consideramos no texto os valores não transformados, pois sabemos que percentuais com totais abaixo de cem distorcem os dados, ampliando as proporções. No entanto, para efeito de visualização aos leitores, as figuras sempre permitem melhor compreensão. Optamos, então, pelas figuras e não pelas tabelas, porque estas sempre dificultam a compreensão.

FIGURA 2 - REAÇÕES DOS ALUNOS



Analisando as reações dos alunos, quando não entendem, é possível perceber, na Figura 2, que das 65 crianças entrevistadas apareceram 50 respostas de alunos, afirmando que comunicam ao professor, quando têm dúvida em determinada situação de ensino. Houve resposta longa de alunos para essa questão. Nesses casos a resposta englobou mais de uma categoria.

Além disso, é possível detectar que a segunda categoria de resposta mais freqüente é a relativa à ajuda prestada por colegas, principalmente nas primeiras séries.

No entanto, há um grupo de alunos que permanece em silêncio (não busca ajuda do professor), busca outros meios para compreender a explicação, principalmente refazendo sozinho ou, ainda, reagindo emocionalmente.

É importante ressaltar que essa questão motivou algumas crianças a fazerem denúncias como, por exemplo, de que há professores que não ouvem os alunos, quando estes não entendem, mandando-os sentar, sem deixá-los falar. Há alunos que manifestaram ter medo ou vergonha de contar para a professora que não entenderam.

Uma análise mais qualitativa das respostas permite identificar os processos de manifestação das crianças para reagir à incompreensão: *"Quando não entendo alguma palavra da lousa ou alguma coisa que ela fala, eu levanto a mão ou vou até a mesa dela"; "pergunto*

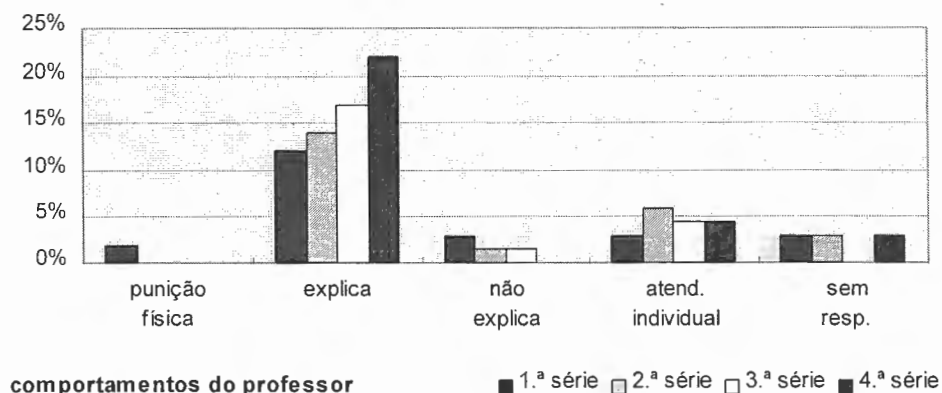
pro colega, mas ela manda eu sentar porque diz que não quer fuxico".

Como decorrência da questão central, também quisemos saber a visão dos alunos, quanto à reação dos professores diante da situação manifestada de incompreensão das crianças.

Para verificar essa reação do professor, quando o aluno não entende, perguntamos às crianças: "O que a professora faz, quando você não entende?" As categorias foram organizadas de maneira a identificar a conduta dos professores, a partir das respostas dadas pelas crianças:

- **Advertência verbal** engloba respostas em que as crianças apontam a insatisfação do (s) professor (es) manifestada verbalmente diante da pergunta
- **Punição física** classifica respostas de agressão do (s) professor (es), tais como puxar a orelha ou o cabelo, dar "croque" na cabeça
- **Ensina** é a categoria que contempla respostas em que as crianças identificam ações do (s) professor (es) dirigidas a toda classe
- **Atendimento individual** se refere a ações do (s) professor (es) indo até a carteira do (a) aluno (a) ou chamando-o (a) até a sua mesa para explicação individual.

FIGURA 3 - REAÇÕES DOS PROFESSORES



É possível detectar que 54 crianças reconhecem atividades que podemos denominar de (re) ensino por parte do professor, seja de modo coletivo, seja de modo individual: "A minha professora vem até a minha carteira e me ensina". "A minha professora fala: Olha gente, tem aluno que não entendeu, vamos prestar atenção? Eu vou explicar de novo".

É possível verificar, também que parte dos alunos manifestou que o (s) professor (es) tem reações que desconsideram a pergunta do(s) aluno(s) ou o(s) pune(m) por isso.

3.ª série

"a gente pede pra explicar de novo, ela não explica, ela fala que já explicou um monte de vezes"

Ciclo Básico

"... e ela fala pra eu sentar e não explica pra mim".

DISCUTINDO OS RESULTADOS

De acordo com a investigação realizada nessa escola, as crianças das quatro séries apresentam dificuldades de entendimento quanto ao que os professores falam.

Há diversas razões apontadas de modo espontâneo pelas crianças. A incompreensão, devido ao grau de dificuldade dos conteúdos e questões relativas à indisciplina, fica evidenciada nos depoimentos. Essa realidade é importante a ser focalizada no debate para alteração da escola. Existem também outras questões na entrevista para focalizarem tais pontos de modo mais específico e complementar, no quadro geral de informações.

Além desses fatores internos à sala de aula, é preciso compreender que, de fato, há crianças que necessitam de quantidades maiores de explicações, quando a escola adota medidas de remanejamento de crianças de uma classe para outra, durante o ano letivo (sempre na expectativa da homogeneidade de rendimento), ocasionando dificuldades para adaptações ao novo sistema de

trabalho na nova classe em que ingressa. Essa, entretanto, é uma prática na organização didática da escola tal qual a concepção apresentada por Garcia (1992, p. 54): há dificuldade desse aluno para participar de modo ativo das aulas e das atividades. A sua participação é limitada, porque não compreende o que se passa na aula, nem tem condições suficientes para elaborar uma simples pergunta ao professor para solicitar mais informação a respeito da matéria dada. Segundo Garcia (1992), esse dado é constatado na maioria das escolas públicas. E a escola pesquisada não foge à caracterização.

A própria rotina escolar mostra para a criança que errar é feio. Então, o aluno prefere ficar no silêncio a comunicar ao professor o seu erro ou a sua dúvida, porque, em todo momento, consciente ou inconscientemente, o professor avalia o aluno e a maioria dessas avaliações é realizada de modo pejorativo.

Os resultados apresentados na Figura 1 nos deixam apreensivas quanto às ocorrências de incompreensão da sala de aula, pois muito do que se espera que aconteça na interação verbal entre professores e alunos não está de fato acontecendo, ou está acontecendo parcialmente, ocasionando um desgaste no processo de ensinar e aprender.

Felizmente, o percentual de alunos que se manifesta aos professores é bastante alto e aliado aos outros tipos de ajuda a que os alunos recorrem.

As reações dos alunos revelam para nós a concreta parceria dos alunos nas aulas, intervindo quando não entendem o que os professores falam e solicitando maiores esclarecimentos.

Por outro lado, aqueles que não reagem perguntando manifestam uma forma de estar na situação de aula: uma forma reprimida, não desejável, na nossa perspectiva, mas real. Parece ocorrer, nesse caso, algo similar à análise de Lara (1989). Ela defende a idéia de que as normas e as regras existentes nas escolas criam rotinas

escolares que abafam o pensamento e a iniciativa dos alunos, fazendo-os pararem de pensar.

"Eles vivem na Escola a impossibilidade de escolher, de decidir, de inventar. Outros já decidiram por eles o que devem vestir, a sala onde ficarão, a professora e os colegas com os quais terão de conviver como ou com o que ocuparão seu tempo".

(Lara, 1989, p. 17)

Por causa de normas disciplinares e regras rígidas, nem sempre explícitas ou oficiais, os alunos ficam quietos, não apresentando coragem de se manifestar. Preferem permanecer em silêncio, procurando, muitas vezes, encontrar outros meios para sanar as suas dúvidas. Nas reações presentes nas respostas à segunda pergunta, percebe-se que existe uma significativa inibição do aluno, preferindo não recorrer ao professor, quando não consegue compreender.

Como fica a situação dos alunos que não comunicam ao professor sobre as suas dificuldades de entendimento? Tais dificuldades, realmente, prejudicarão a aprendizagem destes alunos. Esta situação apresentada será específica apenas da escola pesquisada? Provavelmente, deve ocorrer também em muitas outras escolas públicas brasileiras dadas as considerações de Lara em outros contextos. Muitas vezes, as dúvidas dos alunos não são eliminadas ou porque o professor não percebe que certos alunos não compreenderam ou, em outra atitude, os professores percebem, mas não querem refazer a explicação, conforme vimos nos depoimentos. Portanto, o problema é concreto e as conseqüências mais cedo ou mais tarde aparecem nos desempenhos escolares.

Essas reações dos professores percebidas pelos alunos e manifestas, quando de seus depoimentos à terceira questão, permitem-nos reforçar a importância de ouvir o aluno: eles têm absoluta clareza das intervenções de seus professores nas aulas, seja apontando as ações dos professores para a classe, como coletivo, seja para o atendimento individual ou para denunciar sanções e descaso.

Parece-nos, além do mais, que as respostas dadas pela maioria dos alunos podem ser interpretadas como resultantes da compreensão que eles têm do papel da escola, de seu papel de alunos e do papel dos professores: estão ali para compreender, fazer as tarefas e atividades e, se não entendem, precisam se manifestar e ser atendidos.

A parcela não atendida presente nos resultados obtidos nessas entrevistas revelam, por outro lado, um processo em que os professores desqualificam o aluno, ignorando aquele momento

de dificuldade com conseqüências, como as apontadas por Machado:

"... a criança que falha em conseguir acompanhar o sistema educacional rotineiro, desenvolvido em sala de aula, é passível de adquirir sentimentos e cognições negativas sobre as atividades escolares. Os sentimentos podem incluir medo, frustração, raiva, atitudes negativas perante si mesma e a escola, levando a comportamento de passividade, apatia, agressão, comportamentos às vezes muito distantes de outros exibidos pela mesma criança, em outras situações de vida diária". Machado, (1992, p.18)

CONCLUINDO

Pode parecer que a ênfase está exagerada nas dificuldades de compreensão ou na parcela de alunos que não reage ou não é atendida, quando a maioria dos dados revela vida da parte dos alunos, buscando saber suas dificuldades e pedir ajuda. Entretanto, é preciso ficar claro que estamos preocupados exatamente em detectar aspectos a serem transformados, a reforçar aqueles positivos existentes, trabalhando na perspectiva das inclusões constantes dos alunos no processo educativo e na ampliação sempre maior dos espaços de participação já existentes, sem dúvida, nessas classes.

Existem alguns dados reiterativos nessa caracterização. Há, porém, alguns dados novos que fornecem subsídios para atuação junto aos professores em educação continuada e formação inicial.

É possível sintetizar aqui alguns pontos, destacando:

- a importância de dar voz aos alunos para todos os aspectos relativos à vida escolar;
- a relevância das interações verbais no processo pedagógico, um aspecto tão antigo e falado no campo educacional mas, ainda, insuficientemente efetivado;
- a relação entre as práticas docentes e o rendimento escolar dos alunos;
- a contribuição que estudos simples podem trazer para a compreensão do cotidiano escolar;
- a clareza que alguns professores possuem sobre o fato de precisarem reagir de modo positivo às manifestações dos alunos, rearticulando constantemente seu trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIGARI, G. Le projet éducatif des mesostructures et le curriculum. In: ESTRELA, A, FALCÃO, M. E. (Orgs) A reforma curricular em Portugal e nos países da comunidade europeia. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1992. p. 221-41.
- GARCIA, R. L. No cotidiano da escola: pistas para o novo. Cadernos Cedex, Campinas, n.28, p. 49 - 62, 1992.
- LARA, L. C. Por que as crianças não gostam da escola? Cadernos de Educação Popular, Petrópolis, n. 12, p. 13 - 21, 1989.
- MACHADO, V. L. S. Dificuldades de aprendizagem e a relação interpessoal na prática pedagógica. PAIDÉIA - Cadernos de Educação, Ribeirão Preto, n. 03, p. 16-25, ago. 1992.
- MARIN, A. J. et al. Desenvolvimento profissional docente e transformações na escola. Araraquara: FCL / UNESP, 1996. (Projeto Integrado de Pesquisa).
- MARIN, A. J., BIASOLI, Z. M. A. (Orgs) A situação de ensinar e aprender. Boletim do Departamento de Didática, Araraquara, 1991.
- MARIN, A. J., GIOVANNI, L. M., GUARNIERI, M. R. A visão dos alunos de 1.ª a 4.ª séries do ensino fundamental sobre a escola e o trabalho educativo. Araraquara: FCL/UNESP, 1997. (Relatório Original de Pesquisa).
- RIO CARVALHO, M. T. Conhecimento do funcionamento da sala de aula como requisito da introdução adequada da inovação. In: ESTRELA, A., FALCÃO, M. E. (Orgs) A reforma curricular em Portugal e nos países da comunidade europeia. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1992. p. 285-97.